

não!

não!<sup>1</sup>*tomás ibáñez*

É evidente que a atual crise causada pela pandemia de Covid-19 torna ainda mais decisiva a exigência de gritar um vigoroso NÃO! contra o capitalismo e um sistema social abjeto, contra o qual muitos de nós lutamos há muito tempo. Você tem de gritar NÃO e, além disso, tentar agir de acordo com esse grito. Sejam bem vindos então, os esforços renovados e intensificados para expor a barbárie insuportável do capitalismo e apelar às lutas contra ele.

No entanto, esta crise também nos chama a dizer NÃO ao auto-engano praticado por um amplo setor deste espectro revolucionário e antiautoritário em que me encontro. Esse auto-engano consiste em acreditar, e nos fazer acreditar, que o capitalismo pode ser atingido até a morte pela crise e que a pandemia dará origem a um intenso ciclo de lutas capazes de transformar o mundo. No final, as classes populares perceberão nitidamente a necessidade de virar as costas ao sistema, e cabe a nós contribuir para dar a estocada final em um capitalismo moribundo. “Po-

*Tomás Ibáñez foi professor na Universidade Autônoma de Barcelona, membro dos coletivos de redação de Refracciones e Libre Pensamiento e autor de diversos artigos e livro.*

vos do mundo, mais um esforço”, reza um texto recente que acompanha seu título com ecos da Internacional: “O mundo se transforma pela base”.

De fato, proliferam textos que apresentam a situação atual como uma grande oportunidade para finalmente sair do capitalismo e pôr fim a seus estragos. O aparecimento da pandemia é quase comemorado porque pode iluminar a consciência que propiciará a transformação do mundo.

Não aplaudo esses textos bem-intencionados, e muitas vezes interessantes, por dois motivos.

O primeiro seria porque o desejo de revolução, que devemos manter sempre vivo, independente de acreditarmos ou não que isso possa ser traduzido em um projeto de revolução, pode causar enormes distorções na percepção da realidade. Sobretudo, no momento em que estamos, em que ela se torna incerta e angustiante.

O segundo motivo é porque esses textos fazem as lutas contra o sistema capitalista e suas estruturas de dominação darem um grande passo para trás, retrocedendo-as a tempos e esquemas confusos.

Distorção da realidade? Vejamos. Receio que, embora seja verdade que a pandemia pode lançar à luta uma parte da população, especialmente aquela que vai sofrer as piores consequências da “retomada” da economia capitalista; outra parte não desprezível da população, especialmente os mais traumatizados pelo medo e por eventuais desastres familiares, não vai querer saber de convulsões e suas conseqüentes incertezas. Esta parte pode, ao contrário, exacerbar uma demanda por maior disciplina e ordem social. Ou não? Não cabe revestir o

não!

pós-crise exclusivamente com os enfeites da esperança revolucionária.

Da mesma forma, não há dúvida de que o capitalismo sofreu um golpe severo em seu roteiro de expansão contínua, mas não há indicação de que o *slogan* desgastado “a crise final do capitalismo” será finalmente realizado. Já ouvimos isso tantas vezes, que é quase vergonhoso fazer isso novamente. O mais provável é que o capitalismo mudará alguns de seus aspectos (para melhor ou para pior) e que, como tem feito desde seu surgimento, absorverá os problemas para se fortalecer com suas soluções. Talvez o que digo a esse respeito também seja uma distorção da realidade, mas, por enquanto, a história do capitalismo indica o contrário.

Por fim, essa percepção da realidade que pressagia um mundo melhor ajuda a mascarar o rápido avanço de um novo tipo de totalitarismo que mostra suas presas não apenas na Coreia e na China, mas também no Afeganistão e na Palestina com *drones* armados, assim como as monstruosas companhias do Vale do Silício (GAFA)<sup>2</sup>. Esse totalitarismo percorre os caminhos do controle social (geolocalização, reconhecimento facial etc.), mas também por meio da medicalização da vida e da engenharia genética. Não notar que a pandemia facilita o avanço desses controles e que urge enfrentar essa realidade é o mesmo que ver nela apenas um futuro promissor.

Passo para trás? Vejamos. O segundo motivo pelo qual desconfio desses textos é que, diante do fascínio pela mudança total (tudo ou nada) e a velha narrativa grandiosa da insurreição vitoriosa, as propostas colocadas a partir do *maio de 68* conseguiram orientar as lutas para o desman-

telamento gradual, no presente, dos dispositivos de poder articulados pelo capitalismo ou em vigor dentro dele (como o patriarcado). Essa multiplicação e diversificação das frentes de resistência e subversão deu início a avanços notáveis para as liberdades e para a vida das pessoas, sem subordinar tudo isso à grande mudança social que, por definição mesma, sempre se situa fora do presente uma vez que não acontece.

Os apelos à convergência das lutas, unificadas no objetivo de acabar com o capitalismo, esquecem que para as lutas convergirem, elas devem ser múltiplas. E, embora essa convergência seja desejável, ela só ocorre pela própria pressão e a própria lógica dos acontecimentos (como aconteceu, por exemplo, o 15M<sup>3</sup>) e que a tendência homogeneizante não enfraqueça as energias das lutas parciais (como também ocorreu depois do 15M). Acontece também que esses textos tendem a desqualificar como fatores de divisão e enfraquecimento da luta tudo o que se desenrola fora da grande luta unificada contra o capital.

Contudo, o que estou comentando não se inscreve contra a exigência de denunciar o capitalismo e de lutar contra ele, isso está absolutamente fora de questão. Mas me afasto, com isso, de uma tendência unificadora que percebo em boa parte das análises e que acredito ser prejudicial para a eficácia das lutas.

Imagino que seja forte a tentação de desqualificar a posição que apresento dizendo que ela convida a baixar os braços e a desistir da luta. Repito o que já escrevi várias vezes e continuo afirmando: mesmo nas condições mais adversas, a luta é sempre possível, a única condição absolutamente necessária é que haja vontade de lutar.

não!

Se esta vontade for manifesta, não é necessário que se busquem ou esperem resultados definitivos e de longo alcance, como bem sabia o Sísifo de Albert Camus.

Tradução do espanhol por Acácio Augusto.

## Notas

<sup>1</sup> Texto publicado no dia 11 de abril de 2020 no periódico *Rojo y Negro* porta-voz da CGT (Confederação Geral do Trabalho) — associação de trabalhadores anarco-sindicalista, de classe, autônoma, autogestionária, federalista, internacionalista e libertária na Espanha.

<sup>2</sup> GAFA é um acrônimo para “Gang of Four”, que designa as quatro gigantes do Vale do Silício, *Alphabet*, *Amazon*, *Facebook* e *Apple*. Essa designação foi criada por Eric Schmidt, ex-CEO da *Google* e atual conselheiro no setor de inovação do Departamento de Defesa dos EUA. Ela remete à “Gangue dos Quatro” do Partido Comunista Chinês e que atou durante a revolução cultural na China (1966-1976), a referência sugere a enorme capacidade que as quatro empresas possuem de interferir na vida social e modificar a mentalidade dos consumidores. (N.T.)

<sup>3</sup> Referência ao movimento de ocupação de praças ocorrido na Espanha em 15 de maio de 2011 e com diversos desdobramento ao longo do tempo e fora da Espanha, também conhecido como Movimentos dos Indignados. (N.T.)

*Resumo*

*Diante da chamada pandemia da Covid-19, este texto é um vigoroso NÃO ao capitalismo e seu sistema de miséria e exploração, mas também um alerta à crença em uma revolução inevitável.*

*Palavras-chave: Anarquismo, Covid-19, revolta.*

*Abstract*

*Following the so-called Covid-19 pandemic, this text is a vigorous NO to capitalism and its system of impoverishment and exploitation, but also a warning against the belief in the inevitable revolution.*

*Keywords: Anarchism, Covid-19, revolt.*

**No!, Tomás Ibáñez.**

*Indicado para publicação em 03 de agosto de 2020.*